

Introdução às Teorias do Discurso

Wilton James Bernardo dos Santos



**São Cristóvão/SE
2009**

Introdução às Teorias do Discurso

Elaboração de Conteúdo

Wilton James Bernardo dos Santos

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Ilustração

Gerri Sherlock Araújo

Reimpressão

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Wilton James Bernardo dos
S237i Introdução às Teorias do Discurso / Wilton James
Bernardo dos Santos -- São Cristóvão: Universidade Federal
de Sergipe, CESAD, 2009.

1. Teoria do discurso . I. Título.

CDU 808.5

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Hérica dos Santos Mota
Iara Macedo Reis
Daniela Souza Santos
Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos
Elizabete Santos
Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscilla da Silva Góes (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Edvar Freire Caetano
Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Discurso e Língua Estruturalismo I Estação Ferdinand de Saussure.....9

AULA 2

Discurso e comunicação Estruturalismo II Estação Roman Jakobson.... 15

AULA 3

Discurso e Pragmática I, O sentido e o mundo, Referência e situação de comunicação, Estação Benveniste / Ducrot / Frege25

AULA 4

Discurso e Pragmática II Intenção reconhecível e manobras estilísticas Estação Grice / Oswald Ducrot.....35

AULA 5

Gêneros do Discurso atividade humana e dialogismo na interação verbal Estação Mikhail Bakhtin.....43

AULA 6

Condições históricas estrutura ou acontecimento Estação Althusser - Foucault - Pêcheux.....53

AULA 7

Ideologia..... 61

AULA 8

A análise de discurso à francesa: interdiscurso e formação discursivaestação Michel Pêcheux.....69

AULA 9

Discurso E História: o sujeito Estação Análises.....81

AULA 10

Discurso e Texto.....93

APRESENTAÇÃO

Caro (a) aluno (a), o curso que agora iniciamos é para estudarmos questões teóricas relacionadas ao discurso como prática social. Para tanto, será necessário reconhecermos diferentes concepções de língua e de linguagem, mas, sobretudo, de sentido. Sendo assim, nada mais adequado do que buscarmos na **história dos estudos da linguagem** a construção de diferentes modos de tratar os sentidos. Tomar esse ponto de partida histórico não quer dizer ir a um tempo remoto, distante de nosso dia-a-dia, principalmente, se pensarmos o cotidiano escolar. Devemos recorrer a dicionários gerais e especializados, recorrer a livros de introdução ao assunto com as seguintes perguntas: o que é discurso? Como, porque e para que se estuda?

Por exemplo, quando no ensino fundamental, ao final de uma leitura, a professora de língua portuguesa solicita que os alunos circulem os dígrafos, os hiatos, etc. estamos diante de certo modo de estudar a língua, portanto de conceber a língua, bastante arraigado entre nós. E, se em seguida, ela pergunta: “o que o texto quis dizer?” e os alunos apresentam suas respostas redizendo o que o autor disse, estamos diante de uma concepção histórica de sentido. Mas, felizmente, há outros modos de estabelecermos relações com a língua e com os sentidos.

É bem verdade que em um curso introdutório como esse, iremos minimamente à história dos estudos da linguagem para dela trazer o que fundamentalmente precisamos compreender: diferentes **bases teóricas** para explicar e descrever um objeto específico: o discurso. E, portanto, a relação entre teoria e objeto de estudos é decisiva. Sendo assim, cara (o) aluna (o), faço o convite para que pensemos essa relação de modo bem objetivo. Estudemos as teorias como instrumentos capazes de nos fazer ver, ou melhor, compreender o discurso implicado nas práticas sociais. Tal como um microscópio torna possível a um químico observar moléculas e células, sem exagerar na comparação, as teorias nos ajudam a compreender nesse nosso **curso** as noções de sujeito, ideologia e formação discursiva.

Disse para não exagerar na comparação porque, na verdade, os discursos não são abstratos, microscópicos como células, ou invisíveis. Ao contrário, eles são concretos, materiais. O problema é que quando vamos estudar algo com a finalidade de compreender esse algo, o distanciamento é condição indispensável. Isto é, deve haver uma separação entre o estudioso e aquilo que ele estuda. E é esse

distanciamento que torna possível a **análise de discurso**. Então, apesar de o discurso ser algo material, ele está tão profundamente em nós, enquanto indivíduos e sujeitos sociais, que encontrar formas para nos colocarmos na posição de estudiosos dessa matéria, muitas vezes acaba sendo um problema. Salvo engano histórico, basta lembrar que não somos capazes de compreender a nós próprios, precisamos de psicólogos, psicanalistas, ou seja, precisamos ser objeto de analistas.

Como vemos, nosso percurso inclui história dos estudos da linguagem, bases teóricas e análise de discurso. Para tanto, dividimos as dez aulas em duas unidades. A Primeira Unidade explora as relações entre estruturalismo e discurso (aulas 1 e 2); as bases teóricas da abordagem pragmática do discurso (aulas 3 e 4) e a aula 5 que apresenta a noção de gêneros do discurso introduzida por Mikhail Bakhtin. Recuperando a concepção social e histórica do sujeito, a Segunda Unidade traz as noções de condições de produção do discurso e ideologia (aulas 6 e 7) fundamentais para vasta região de trabalhos. A aula 8 é dedicada a apresentar um esboço da Análise de Discurso à francesa (AD) através das noções de interdiscurso e formação discursiva. Por fim, procuramos especificar o trabalho teórico para a compreensão do sujeito na relação discurso-história através da análise de enunciados (aula 9) e a relação discurso-texto na aula 10.

Ao trabalho!

Prof. Dr. Wilton James Bernardo-Santos
CESAD/DLE/UFS

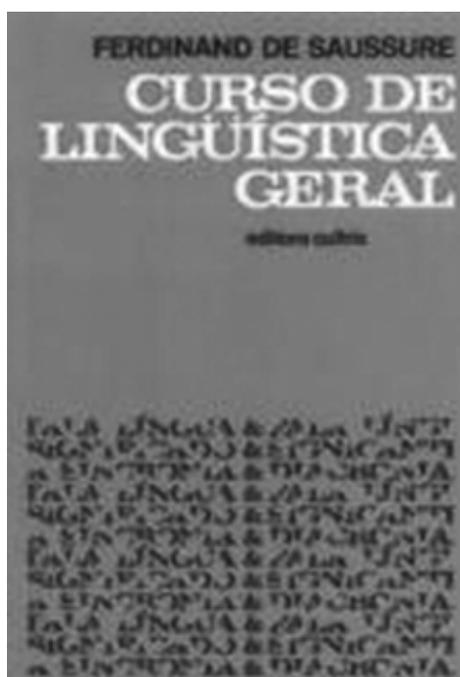
INTRODUÇÃO

Cara (o) aluna (o) que percorre agora os trilhos iniciais das teorias do Discurso seja bem-vinda (o)! Uma questão que se impõe a quem se propõe a estudar um problema é a definição dos limites da coisa a ser estudada. Por exemplo, se há uma preocupação com o funcionamento do transporte público coletivo em uma dada cidade, tem-se no transporte a unidade objeto de estudos. Apesar de uma aparente unidade (que distingue esse objeto de outros como moradia, educação, por exemplo), para estudar o transporte é preciso se dedicar a muitas questões nele envolvidas: diferentes tipos como ônibus, trem, metrô, embarcações, diferentes malhas rodo-ferro-hidroviárias etc. Um estudioso do transporte urbano precisa voltar sua atenção para questões econômicas, para o estilo de vida da população, para as rotinas sociais: os horários das atividades dos

cidadãos, as distâncias percorridas etc. Precisa considerar como era, como é e como será a vida na cidade. Assim, o transporte é uma só coisa, mas envolve muitas variáveis.

Apesar disso, o estudioso deve limitar o trabalho em cada variável indo até a fronteira onde ela perde contato com a unidade em questão. Por exemplo, em que medida a beleza de um ônibus deve ser considerada, quando o objeto que interessa é o transporte? E suas cores, suas inscrições em palavras e números como parte de um sistema de identificações? Ele deve ser discreto, sóbrio ou chamativo e despojado? Como se vê, não é fácil, por isso é preciso dedicação, esforço.

Em resumo, para estudar um problema, é fundamental contar com o acúmulo de estudos produzidos ao longo dos anos. Essas contribuições vão tornando possíveis compreensões mais detalhadas sobre a unidade a ser estudada. É com essa mentalidade que faremos um percurso a partir dos trabalhos desenvolvidos pela AD naquilo que interessa para a compreensão do nosso problema: o discurso.



Edição brasileira do *Curso de lingüística geral* (à esq.) e Ferdinand Saussure (à dir.).
(Fonte: 1-<http://www.ciadoslivros.com.br/capas/029/8531601029.jpg>;
2-www.jorwiki.usp.br/gdmat08/index.php/Ling%C3%BC%C3%ADstica_estrutural.)

A FORMAÇÃO DA ÁREA: O CORTE SAUSSUREANO

Para compreender teorias do discurso é preciso considerar, antes, que elas surgiram, como todas as outras, a partir de embates, combates, novos olhares, enfim, de críticas a caminhos já trilhados por outros. Desse modo, a Análise de Discurso (AD), por exemplo, que estudaremos mais adiante, fundada por Michel Pêcheux, se mostrou bastante crítica do estruturalismo, sobretudo, o trabalho de F. Saussure (ver referências), que você já deve conhecer.

Ao problematizar a semântica (responsável pelo estudo linguístico da produção de sentidos), Pêcheux (1998) expõe as contradições de uma ciência que, afetada pela filosofia da linguagem e pela lógica, se mostrava incapaz de dar conta dos processos discursivos, mais especificamente, dos efeitos das lutas de classes sociais na produção dos sentidos. É preciso explicar aqui que o primeiro objeto de análise da AD foi o discurso político, o que implicava, para seu fundador, uma necessidade de refletir não somente sobre a língua, a ciência, mas também sobre política, ideologia, Estado, condições de produção. A AD “acusou” a linguística de fabricar um objeto do conhecimento (a Língua enquanto sistema linguístico) para a ciência em prejuízo de um objeto real (a fala): estamos falando a respeito do chamado “corte saussuriano”. Isto é, ao eleger a língua enquanto código verbal para seus estudos, Saussure exclui de seu objeto de interesse o sujeito, o mundo e a história.

RECONHECENDO UMA ABORDAGEM ESTRUTURALISTA

Imagine que, ao sentar-se para trabalhar, o mestre genebrino pôs diante de si o sistema de signos linguísticos, desconsiderando toda e qualquer exterioridade. Para ele, interessa a relação entre signos. Cada signo linguístico é um valor na medida em que pode ser substituído por outro com o acordo de todos nós falantes pertencentes a uma comunidade linguística.

Um exemplo

Para que possamos reconhecer essa abordagem estruturalista, vejamos dois efeitos do gesto saussuriano em um exemplo comum nos nossos exercícios escolares:

“Dê o significado da palavra grifada na frase abaixo:
- O suspeito embarcou no voo das 9:00.”

SISTEMA LINGÜÍSTICO E COMUNIDADE DE FALANTES

Ora, um primeiro efeito vem do fato de o exercício direcionar os sentidos e com eles as atenções dos leitores (professores e alunos) para o sistema lingüístico. O exercício que pensemos a respeito da possibilidade de substituição da “palavra grifada”. Quer que pensemos em “viajou”, “fugiu”, “foi embora”, etc., ou seja, o significado é aquilo que “pode ser dado” (dê o significado) porque está depositado como produto social homogêneo na mente de cada falante como regras gerais da língua. Por esse motivo a comunidade não aceita por exemplo que eu diga: “O suspeito flores no voo das 9:00”.

Observando a clássica dicotomia: *língua/fala*, constatamos que a barra, o símbolo (/), entre os nomes significa justamente a separação entre o objeto de estudos, a língua enquanto sistema lingüístico e o que ele deixou de fora de seu interesse, a fala. É claro que a existência desse seu objeto de trabalho, o código verbal, só é possível porque as línguas existem nos falantes, vivendo em sociedade e fazendo história. F. Saussure, no entanto, limita essa existência à condição geral de coletividade, quer dizer, o falante é excluído, sua presença só é permitida na abstrata categoria de Homem.

Assim, o indivíduo, as pessoas, os falantes, bem como as coisas, as circunstâncias e as situações não entraram na bancada de trabalho de Saussure. Também foram barradas a sociedade e a história.

UMA META-LÍNGUA PARA A LÍNGUA

Um segundo efeito que muito nos ajuda a compreender uma abordagem estruturalista é o modo de tratar a língua nos limites de uma metalinguagem. Se na sequência do exercício escolar visto acima, temos, por exemplo:

“Classifique morfologicamente a palavra grifada”

O exercício direciona as atenções de professores e alunos para fazer um percurso previamente estabelecido pelo instrumento metalingüístico por excelência: a gramática. O exercício quer que pensemos em verbo, adjetivo, advérbio etc. Nesse caso, não estamos pensando a respeito da língua propriamente dita, mas a respeito de uma língua sobre a língua, ou seja, uma meta-língua. A metalinguagem é instrumento de trabalho daqueles que se dedicam ao estudo das relações entre língua, linguagem e discurso. Mas se o trabalho se mantém nos limites dessa outra língua, como em grande parte tem se mantido o ensino da língua portuguesa, não

há avanço. O “embarcou”, a língua em estudo, é apenas colocado em um lugar da meta-língua, a “gaveta” dos verbos. Se o estudo é mantido nesse limite, convenhamos, não estamos estudando a língua. O trabalho é resumido a um treinamento de identificação das classes gramaticais.

Outro exemplo

A discussão histórica a respeito do que devemos levar ao Ensino Básico na aula de língua portuguesa colocou o ensino da língua através da gramática da frase em confronto com o ensino através de textos. Mas, veja bem, a questão não é apenas de troca de objeto, tirar a frase e colocar o texto, a questão é mesmo teórica e interessa muito ao estudioso do discurso. De nada vale, mudar o objeto e manter a abordagem estruturalista. Se em uma dada situação de ensino, um texto é apresentado e pede-se que nele sejam grifados os dígrafos, os substantivos abstratos ou os tipos de predicado, convenhamos, o texto está sendo usado como um pretexto para irmos às classificações gramaticais, ou seja, nos mantemos nos limites da meta-língua, no treinamento de identificação.

CONCLUSÃO

Para aquele que vai estudar o discurso, ou o funcionamento de suas teorias, é fundamental compreender que o código verbal não é o limite do trabalho e que classificar a língua acaba por impedir o estudo efetivo do discurso enquanto prática social específica.

RESUMO

Procuramos mostrar que o debate e a oposição a certos princípios estruturalistas (o corte saussureano) levaram a formação de áreas de estudo interessadas nas relações humanas, sociais e históricas na língua e nas representações, a linguagem. Procuramos apresentar clássicas abordagens não discursivas: a) se o estudo se restringe ao que é permitido pelas relações do código verbal, não há avanço, pois são excluídas as relações humanas efetivas; b) se o estudo se restringe a identificar tipos e categorias gramaticais, não estamos estudando a língua, mas uma meta-língua; c) se o estudo muda aparentemente: de objeto, da frase para o texto, por exemplo, mas não muda a concepção teórica, ou seja, a abordagem, no fundo não há mudança.





Subjetividade. Domínio do que é subjetivo, ou seja, relativo a sujeito, existente no sujeito, individual, particular.

ATIVIDADES

Procure observar como essa abordagem estruturalista, ainda que de forma não declarada, e muitas vezes inconsciente, de diferentes modos, aparece nos livros didáticos, sobretudo, os do ensino médio, mesmo os que já operam a partir dos gêneros discursivos (ver, por exemplo, SARMENTO, L. L, *Oficina de redação*, São Paulo, 2006) onde o discurso aparece como “atividade comunicativa entre interlocutores que apresenta sentido e está inserida em determinado contexto”, mas o modo de tratar essa atividade leva alunos e professores à clássica tipologia: o discurso direto, o indireto e o indireto livre. Observe os livros didáticos com os quais você mesmo estudou.

REFERÊNCIAS

- DUCROT & TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo, SP, Editora Perspectiva, 1998.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, SP, Cultrix, s/d.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da UNICAMP, (Coleção Repertórios) 1998.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure